

1. Soteriologia na História: A Evolução da Doutrina da Salvação, das Heresias Primitivas aos Desafios do Século XXI (Rm. 1:17; 1 Jo. 2:20)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 11/01/2026 19:06

O Início da Teologia Cristã: O Combate ao Gnosticismo e a Controvérsia Pelagiana

A Soteriologia, definida como a **doutrina da salvação**, não é apenas um ramo abstrato da teologia sistemática; ela é o motor que impulsionou os principais movimentos e debates ao longo da história do Cristianismo. Desde os primeiros séculos, a forma como a igreja comprehende a redenção moldou suas práticas, sua liturgia e suas divisões. Para entender a fé cristã contemporânea, é imprescindível revisitá os conflitos iniciais que estabeleceram as bases da ortodoxia, especificamente o combate ao Gnosticismo e o debate entre Agostinho e Pelágio.

O Desafio Gnóstico e a Suficiência do Evangelho

Já nos **séculos II e III**, a igreja primitiva enfrentou uma ameaça teológica significativa conhecida como **Gnosticismo**. Derivado da palavra grega *gnosis* (conhecimento), este movimento sustentava que a **salvação era obtida através de um conhecimento secreto e esotérico**, acessível apenas a um grupo seletivo de "iniciados". Para os gnósticos, o mundo material era intrinsecamente mau, e a redenção consistia em escapar da matéria através dessa iluminação espiritual oculta.

Esta visão colidia frontalmente com a mensagem apostólica. Os autores do Novo Testamento, cientes dessas influências (ou de um proto-gnosticismo), enfatizaram a natureza pública, histórica e física da encarnação de Cristo. O Apóstolo João, por exemplo, combateu a ideia de um "segredo espiritual" inacessível ao afirmar a materialidade de Jesus:

"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida [...] o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos." (1 João 1:1-3)

João reforça que não há segredos ocultos necessários para a salvação. O Evangelho é transparente e aqueles que creem já possuem o conhecimento necessário, como ele reitera:

"E vós tendes a unção do Santo, e sabeis tudo. Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade." (1 João 2:20-21)

Historicamente, um dos maiores defensores da fé contra essa heresia foi Irineu de Lyon. Em sua obra seminal, *Contra as Heresias* (Livro III), Irineu argumentou que os apóstolos possuíam o "conhecimento perfeito" após serem revestidos pelo Espírito Santo e que esse conhecimento foi integralmente transmitido nas Escrituras. Ele defendeu que o Evangelho pregado publicamente é a "coluna e fundamento da fé", rejeitando a arrogância dos que alegavam possuir uma sabedoria superior à dos apóstolos. A conclusão patrística foi clara: **quem conhece o Evangelho conhece o suficiente para a salvação**.

A Graça versus o Livre-Arbítrio: Agostinho e Pelágio

Avançando para o **século V**, o foco do debate **soteriológico deslocou-se do "conhecimento" para a "natureza humana"** e a "capacidade de obedecer". O monge britânico **Pelágio** começou a ensinar que o **ser humano nasce neutro, sem a mácula do Pecado Original**. Segundo sua teologia:

- O pecado de Adão afetou apenas a ele mesmo, não a humanidade.
- Todo ser humano nasce com a capacidade plena de não pecar.
- O pecado ocorre por imitação, e não por uma natureza corrompida.
- Jesus Cristo veio ao mundo principalmente como um exemplo moral de obediência perfeita.

A consequência lógica do pelagianismo era a **possibilidade de salvação pelas obras**: se o **homem é capaz de escolher o bem por suas próprias forças, ele pode, teoricamente, alcançar a justiça divina sem a necessidade de uma intervenção sobrenatural** da graça para transformar sua natureza.

Em resposta, levantou-se **Agostinho de Hipona**, cuja defesa da graça moldaria a teologia ocidental por milênios. Agostinho argumentava que a **humanidade foi radicalmente corrompida pela Queda**. O ser humano não é apenas alguém que comete pecados, mas alguém que é, por natureza, pecador e incapaz de buscar a Deus por mérito próprio.

Para Agostinho, a **salvação é inteiramente um ato da Graça Divina**:

- É um favor imerecido de Deus.
- Não depende dos esforços ou méritos humanos.
- É necessária para libertar a vontade humana, que é escrava do pecado.

Este confronto estabeleceu um pilar fundamental da ortodoxia cristã: a salvação não é uma conquista humana baseada na imitação moral de Jesus, mas uma obra de resgate divino, onde Deus recebe toda a glória. Enquanto Pelágio exaltava a capacidade humana, Agostinho exaltava a soberania da graça, um tema que retornaria com força total durante a Reforma Protestante.

A Idade Média e o Sistema Sacramental: Penitências, Purgatório e Indulgências

Após os debates iniciais sobre a natureza da graça, a soteriologia cristã adentrou um longo período de desenvolvimento e institucionalização durante a Idade Média (do **século VI ao XV**). Neste período, a igreja não negou a necessidade da graça divina defendida por Agostinho, mas desenvolveu uma teologia específica sobre *como* essa graça alcançaria o pecador. Consolidou-se o entendimento de que **a graça de Deus é mediada através dos Sacramentos**.

O Monopólio da Salvação e a Teologia Sacramental

A eclesiologia medieval fortaleceu-se sob a premissa de que a igreja era a despenseira da graça. Baseando-se em um pensamento que remontava a Cipriano de Cartago (século III), a instituição religiosa adotou a máxima:

"Fora da igreja não há salvação."

A lógica por trás dessa afirmação era sacramental: se a salvação depende da graça, e a graça é transmitida exclusivamente pelos sacramentos (Batismo, Eucaristia, Penitência, Crisma, Ordenação, Matrimônio e Extrema Unção), e somente a igreja institucional possui autoridade para ministrar

esses sacramentos, logo, a salvação só poderia ser encontrada dentro da igreja visível.

Isso gerou uma centralização de poder, onde o clero detinha as "chaves" do Reino dos Céus. **O Batismo lavava o pecado original**, mas a grande questão teológica da época era: **como lidar com os pecados cometidos após o batismo?**

O Sistema de Penitência e o Purgatório

Para resolver o problema dos pecados pós-batismais, desenvolveu-se o sacramento da Penitência. O fiel confessava seus pecados e recebia a absolvição, mas ainda precisava lidar com a "dívida" temporal daquela falta. Para isso, eram exigidas **obras de satisfação** ou penitências, que incluíam orações, jejuns, vigílias, peregrinações e doações financeiras. A ideia era que o esforço humano, impulsionado pela graça, era necessário para purificar a alma.

Contudo, surgia uma inquietude: **o que aconteceria se um cristão morresse perdoado, mas sem ter cumprido penitência suficiente para pagar por todas as suas falhas?**

Sob a influência de teólogos como Gregório Magno, solidificou-se a doutrina do **Purgatório**. Este seria um estado intermediário onde as almas salvas, porém ainda com dívidas de penitência, passariam por um fogo purificador. Elas permaneceriam ali sofrendo temporariamente até que a pena de seus pecados fosse totalmente quitada, permitindo sua entrada no Céu.

O Tesouro dos Méritos e as Indulgências

Dentro dessa contabilidade espiritual, surgiu o conceito do "**Tesouro dos Méritos**" ou "**Tesouro da Igreja**". A teologia medieval ensinava que Cristo, a Virgem Maria e os grandes Santos acumularam méritos sobejos. Os santos eram considerados tão piedosos que **suas boas obras excediam o necessário para sua própria salvação** (obras de supererrogação).

A Igreja, portanto, administrava esse "banco espiritual". **O Papa tinha a autoridade de transferir o crédito dos méritos de um santo para cobrir o débito de um pecador comum**. Essa transferência de mérito recebia o nome de **Indulgência**.

Inicialmente, as indulgências eram concedidas mediante atos piedosos. No entanto, com o passar do tempo, especialmente próximo ao século XVI, o sistema sofreu uma grave distorção. **Para financiar grandes projetos eclesiásticos, como a construção da Basílica de São Pedro no Vaticano, a concessão de indulgências foi atrelada a doações monetárias**.

Pregadores percorriam cidades prometendo que, mediante o pagamento de uma oferta, a alma de um ente querido poderia ser libertada instantaneamente do Purgatório. A salvação e o perdão divino, outrora vistos como dons da graça ou frutos de arrependimento profundo, passaram a ser comercializados, criando um ambiente de corrupção moral e teológica que clamava por reforma.

A Reforma Protestante e a Sistematização da Fé: Lutero e Calvino

No início do **século XVI**, a tensão gerada pela comercialização da fé atingiu seu ponto de ruptura. O sistema de indulgências, que havia transformado o perdão divino em uma transação financeira para custear obras como a Basílica de São Pedro, encontrou uma oposição teológica vigorosa na figura de Martinho Lutero. Este momento marcou uma mudança de paradigma na soteriologia: o retorno às Escrituras e a centralidade da fé.

O Resgate da Justificação pela Fé

Lutero, um monge agostiniano, atormentado pela própria consciência e pela insuficiência das penitências para lhe dar paz, encontrou a resposta ao estudar a Carta aos Romanos. A leitura de

Romanos 1:17 transformou sua compreensão:

"Nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: O justo viverá da fé."

Ele compreendeu que **a justiça de Deus não é algo que o homem conquista pagando ou fazendo obras, mas um dom que se recebe pela fé**. O pecador é justificado não porque se tornou moralmente perfeito ou porque pagou sua dívida no "banco da igreja", mas porque **Cristo pagou essa dívida na cruz**.

As 95 Teses: O Verdadeiro Tesouro da Igreja

Em **31 de outubro de 1517**, Lutero publicou suas **95 Teses na porta da igreja de Wittenberg**. O documento não era apenas um protesto contra a corrupção financeira, mas um tratado teológico sobre a natureza do arrependimento.

Lutero argumentou que **a verdadeira penitência bíblica é o arrependimento interno** — uma mudança de mente e coração — e não o pagamento de taxas. Ele contrastou agudamente o "tesouro das indulgências" com o verdadeiro tesouro da Igreja:

"O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus." (Tese 62)

"Os tesouros das indulgências, porém, são as redes com que hoje se apanham as riquezas dos homens." (Tese 66)

A crítica de Lutero expôs a inversão de valores: **enquanto o Evangelho buscava "pescar" homens (ricos ou pobres) para a salvação**, as **indulgências buscavam "pescar" a riqueza dos homens**. Ele também questionou a autoridade papal sobre o Purgatório com uma lógica devastadora: se o Papa possui o poder de libertar almas do Purgatório mediante pagamento, por que não as liberta a todas de uma só vez, movido pela santíssima caridade, e de graça? (Tese 82).

A Sistematização de João Calvino

Enquanto Lutero foi o estopim da Reforma, escrevendo de forma apaixonada e reativa contra os abusos de sua época, coube a **João Calvino** a tarefa de organizar a teologia protestante de forma sistemática.

Atuando principalmente na Suíça, Calvino aprofundou as implicações da doutrina da "Salvação pela Graça". **Se a salvação é inteiramente gratuita e o homem é morto em seus delitos, incapaz de escolher a Deus por conta própria, então a iniciativa da salvação deve partir unicamente de Deus.**

Dessa premissa, Calvino desenvolveu a doutrina da **Eleição Divina** e da **Predestinação**. Ele concluiu que Deus, em Sua soberania, escolhe unilateralmente quem será salvo, sem consultar méritos humanos ou previsões de fé futura. A salvação, na visão calvinista, é uma decisão soberana de Deus de resgatar alguns da condenação universal a que toda a humanidade estaria destinada.

A Reação Católica: O Concílio de Trento

A ruptura foi definitiva. Em resposta, a Igreja Católica convocou o Concílio de Trento (1545-1563), iniciando a Contrarreforma. O Concílio **reafirmou a validade dos sacramentos e a necessidade das obras para a justificação**, oficializou os livros apócrifos (deuterocanônicos) e condenou as doutrinas protestantes. Embora a venda escandalosa de indulgências tenha sido proibida, o conceito teológico de indulgência por meio de atos piedosos permaneceu.

Assim, o Cristianismo Ocidental dividiu-se em duas grandes vertentes soteriológicas: a Católica, mantendo a sinergia entre graça, sacramentos e obras; e a Protestante, fundamentada na "**Sola Fide**" (**Somente a Fé**) e "**Sola Gratia**" (Somente a Graça).

O Embate Teológico do Século XVII: Os Cinco Pontos do Calvinismo e do Arminianismo

Após a Reforma Protestante, as divergências sobre a aplicação da soberania de Deus e a responsabilidade humana não cessaram. No século XVII, o debate se intensificou, resultando na sistematização das duas correntes teológicas que dominam o protestantismo até hoje: o Calvinismo e o Arminianismo.

O Calvinismo e a TULIP

A teologia de João Calvino foi organizada posteriormente por seus seguidores (notadamente no Sínodo de Dort) em cinco pontos fundamentais, conhecidos pelo acrônimo em inglês **TULIP**. Esta sistematização enfatiza a soberania absoluta de Deus na salvação:

1. **Depravação Total (Total Depravity)**: A humanidade foi tão corrompida pelo pecado que ninguém é capaz de buscar a Deus ou crer por conta própria. O livre-arbítrio para o bem espiritual está morto.
2. **Eleição Incondicional (Unconditional Election)**: Deus escolheu, antes da fundação do mundo, quem seria salvo e quem seria condenado. Essa escolha é soberana e não depende de nenhuma previsão de fé ou obras do indivíduo.
3. **Exiação Limitada (Limited Atonement)**: Jesus Cristo morreu na cruz apenas pelos eleitos. Seu sacrifício foi suficiente para todos, mas eficaz apenas para os escolhidos.
4. **Graça Irresistível (Irresistible Grace)**: O chamado de Deus para a salvação é eficaz. Quando o Espírito Santo chama um eleito, essa pessoa não pode resistir; ela inevitavelmente se converterá.
5. **Perseverança dos Santos (Perseverance of the Saints)**: Aqueles que foram legitimamente escolhidos e chamados por Deus nunca perderão a salvação. Eles perseverarão na fé até o fim ("uma vez salvo, salvo para sempre").

A Resposta Arminiana

Jacó Armínio, um teólogo holandês, contestou as conclusões calvinistas, argumentando que elas transformavam Deus no autor do pecado e anulavam a responsabilidade humana. Armínio e seus seguidores (os Remonstrantes) propuseram uma visão alternativa, onde a soberania de Deus não elimina a liberdade humana:

1. **Depravação Total**: Neste ponto, arminianos concordam com calvinistas. O homem nasce pecador e incapaz de salvar-se sozinho. Contudo, a solução proposta difere.
2. **Eleição Condisional**: Deus escolheu salvar aqueles que creem em Cristo. A eleição é baseada na presciêncie de Deus sobre quem responderá positivamente ao Evangelho através da fé.
3. **Exiação Ilimitada (Universal)**: Jesus morreu por toda a humanidade, não apenas por um grupo seletivo. A salvação está disponível a todos, embora só se torne eficaz para quem crê.
4. **Graça Preveniente e Resistível**: Armínio introduziu o conceito de *Graça Preveniente* — uma graça que precede a salvação e atua sobre todos os homens, restaurando o livre-arbítrio e permitindo que o pecador aceite ou rejeite o Evangelho. A graça é essencial, mas pode ser

resistida pelo homem.

5. **Segurança em Cristo (Possibilidade de Apostasia):** Enquanto o crente permanece em Cristo, ele está seguro. No entanto, o Arminianismo clássico admite a possibilidade de o cristão abandonar a fé, deixar de perseverar e, consequentemente, perder a salvação (apostasia), como sugerido em passagens como Hebreus 6:4-6.

Este debate definiu o panorama evangélico moderno: de um lado, a ênfase na segurança e na escolha soberana de Deus; do outro, a ênfase na responsabilidade humana e na universalidade do amor divino.

Do Pietismo ao Neopentecostalismo: A Busca pela Santidade, Poder e Prosperidade

Entre os séculos XVII e XX, a soteriologia protestante passou por novas transformações. Se a Reforma focou na ortodoxia (doutrina correta), os movimentos subsequentes focaram na ortopraxia (prática correta) e na experiência espiritual. Surgiu uma reação ao intelectualismo frio, buscando uma vivência mais profunda da salvação.

A Ênfase na Vida Piedosa: Puritanos e Pietistas

Inicialmente, grupos como os **Puritanos** (na Inglaterra) e os **Pietistas** (na Alemanha) defenderam que a salvação não poderia ser apenas uma concordância intelectual com dogmas. Eles enfatizavam a necessidade de uma conversão real, evidenciada por uma mudança drástica de comportamento.

- **Puritanos:** De teologia calvinista, pregavam que os eleitos de Deus deveriam viver uma vida de santidade rigorosa, moralidade e integridade.
- **Pietistas:** Buscavam uma fé viva, "do coração", onde a prova da salvação eram os frutos de arrependimento e a ética cristã no dia a dia.

O Metodismo e a Segunda Bênção

Desses movimentos nasceu o **Metodismo**, liderado por John Wesley no século XVIII. Wesley, de linha arminiana, introduziu uma distinção soteriológica importante. Ele ensinava que a vida cristã possuía etapas de graça:

1. **Justificação (1ª Bênção):** O perdão dos pecados recebido na conversão.
2. **Santificação (2ª Bênção):** Uma experiência posterior de "perfeição cristã", onde o crente busca uma vida santa e consagrada.

O termo "metodista" advém justamente da disciplina metódica (horas certas para orar, ler a Bíblia e jejuar) com a qual buscavam essa santificação plena.

O Surgimento do Pentecostalismo: A Terceira Bênção

No final do século XIX e início do século XX, grupos dissidentes do movimento de santidade começaram a buscar algo além da justificação e da santificação: eles almejavam o revestimento de poder.

Surgia a ideia de uma "**Terceira Bênção**": o Batismo no Espírito Santo. Teólogos como Charles Parham foram fundamentais ao associar essa experiência a um sinal físico específico: **ofalar em línguas (glossolalia)**.

Nascia assim o **Pentecostalismo**. A soteriologia pentecostal entende que a salvação completa envolve ser perdoado (justificado), viver em santidade e ser revestido de poder sobrenatural para testemunhar. Denominações como a Assembleia de Deus propagaram essa visão, enfatizando a atualidade dos dons espirituais.

O Neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade

Mais tarde, no século XX, o movimento pentecostal desdobrou-se no **Neopentecostalismo**. Aqui, a compreensão dos benefícios da salvação foi ampliada para incluir a esfera material e física de forma imediata.

A lógica neopentecostal é que o sacrifício de Cristo não apenas garante a vida eterna, mas restaura o ser humano integralmente "aqui e agora". Isso inclui:

- **Saúde Perfeita:** A cura divina como direito adquirido na expiação.
- **Prosperidade Financeira:** A superação da pobreza como prova da bênção de Deus.

Igrejas como a Universal do Reino de Deus e a Igreja da Graça exemplificam essa vertente, onde a salvação é frequentemente apresentada como uma solução completa para os problemas da alma, do corpo e do bolso.

Desafios Atuais e Aplicação Prática: Pluralismo, Progressismo e a Essência do Evangelismo

Chegando ao século XXI, a soteriologia cristã enfrenta desafios inéditos. Se no passado os debates giravam em torno da mecânica da salvação (*graça versus obras, eleição versus livre-arbítrio*), hoje o próprio conceito de "necessidade de salvação" e a exclusividade de Cristo são questionados.

O Pluralismo e o Relativismo Religioso

A sociedade contemporânea é marcada pelo **pluralismo religioso**. A ideia de que existe apenas um caminho para Deus é frequentemente vista como intolerante ou antiquada. O "espírito da época" (Zeitgeist) favorece o relativismo, onde a verdade é subjetiva e todas as religiões são consideradas caminhos válidos e iguais para o divino.

Neste cenário, a doutrina soteriológica ortodoxa — que afirma a exclusividade de Cristo como único mediador (1 Tm. 2:5) — torna-se um ponto de fricção cultural. O desafio da igreja atual é manter a firmeza doutrinária sem perder a capacidade de dialogar com uma cultura que valoriza a inclusão acima da verdade absoluta.

O Cristianismo Progressista e a Pauta Social

Outro fenômeno recente é o crescimento do **Cristianismo Progressista**, que muitas vezes revisita conceitos da Teologia da Libertação (popular na década de 1960). Para esta vertente, a salvação deixa de ser focada na redenção da alma do pecado e do inferno, passando a ser interpretada primariamente como **inclusão social**.

Nesta perspectiva, os "pecados" a serem combatidos são estruturais: a desigualdade, o racismo, a miséria e a discriminação. A missão salvífica da igreja é reorientada para a justiça social e a melhoria da vida terrena. Embora a assistência aos pobres seja um dever cristão bíblico, a teologia ortodoxa alerta para o perigo de reduzir o Evangelho a uma agenda humanitária, esquecendo-se da necessidade de arrependimento, fé e regeneração espiritual.

A Prática da Fé: Diferenciando Evangelismo de Discipulado

Diante de tantas correntes teológicas e da complexidade doutrinária acumulada em 2000 anos, surge uma questão prática: como comunicar a salvação hoje? É crucial distinguir dois momentos: o **Evangelismo** e o **Discipulado**.

1. **Evangelismo (A Abordagem Inicial):** Não exige que o não-crente comprehenda imediatamente toda a teologia sistemática. A abordagem deve ser adaptada à necessidade

do indivíduo, assim como Jesus fez.

- Para Nicodemus, um teólogo, Jesus falou de "nascer de novo" (teologia profunda).
- Para a Mulher Samaritana, uma excluída social, Ele ofereceu "água viva" (satisfação existencial).
- O objetivo é apresentar Cristo como a resposta para a sede da alma, seja ela qual for.

2. Discipulado (O Ensino Contínuo): Após a conversão, entra o ensino aprofundado. É no discipulado que se explicam conceitos como expiação, justificação, santidade e doutrina. É o momento de fundamentar a fé para que o cristão não seja levado por qualquer vento de doutrina.

Conclusão: Identidade e Unidade

A história da soteriologia — de Agostinho a Lutero, de Calvino a Wesley, e chegando aos dias de hoje — nos ensina que a compreensão da salvação é vital para a saúde da igreja.

Vivemos em um tempo onde é necessário ter **identidade teológica**. O cristão deve saber em que crê, entender a tradição de sua comunidade (seja ela Reformada, Pentecostal ou Tradicional) e, ao mesmo tempo, ter maturidade para distinguir o essencial do secundário. Em questões centrais da salvação, deve haver unidade; nas secundárias, liberdade; e em todas, a caridade.

A soteriologia não é apenas um estudo sobre o passado; é a bússola que orienta a igreja a pregar a verdadeira mensagem de esperança em um mundo confuso e carente de redenção.

Iury Rangel. **Sistemática: Soteriologia** - **Aula 1** (06/02/25).
<https://youtu.be/qY4xUhedPR0?list=PLPzTWfHIWljp7O0unbqcuHiXmX19NqHiL>

Documento gerado em 04/02/2026 02:43:42 via BeHOLD